

A vida como narração: história de vida como construção epistemo-empírica

Autores:

Ailton de Freitas Farias Filho

Pedagogo, Psicólogo e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Sergipe (ProfEPT/IFS)

Priscila Matos Farias Batista

Pedagoga da Sociedade Ecoar e Mestrando do (ProfEPT/IFS)

Ana Cecília Paes de Sousa Espínola

Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe (PPMTUR/IFS), Especialista em Nutrição, Graduada em Letras e em Direito. Tecnóloga em Gastronomia

José Espínola da Silva Júnior

Professor Titular do Instituto Federal de Sergipe, Doutor em Engenharia. Professor do (ProfEPT-IFS)

DOI: 10.58203/Licuri.22325

Como citar este capítulo:

FARIAS FILHO, Ailton de Freitas et al. A vida como narração: história de vida como construção epistemo-empírica. In: KOCHHANN, Andrea (Org.). **Rumo ao futuro da Educação: tendências e desafios**. Campina Grande: Licuri, 2024, p. 43-53.

ISBN: 978-65-85562-23-2

Resumo

Embora narrar a vida sempre estivesse presente na história da humanidade, somente a partir da chamada Escola de Chicago é que a História de vida surge e se consolida como uma modalidade de investigação qualitativa. Este artigo, por sua vez, apresenta e discute a História de vida explicitando suas bases teóricas e suas principais etapas, técnicas e estratégias, bem como as diferentes maneiras como vem sendo utilizada para materializar as narrativas da vida, incluindo suas contribuições para as pesquisas em educação profissional e tecnológica. O artigo termina pontuando não só as vantagens e limitações de seu uso; mas também os aspectos éticos que se devem estar atentos quando se trabalha com metodologias qualitativas.

Palavras-chave: Ferramentas de Historicidade. Produção do Conhecimento. Linguagem. Método de Investigação.

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas formas de produção de conhecimento, a ciência tem se firmando como uma das ferramentas por meio dos quais se procura compreender o mundo através da existência de um método específico que visa sistematizar o conhecimento produzido. Desse modo, Miriam Goldenberg defende que o método seria:

a observação sistemática dos fenômenos realidade através de uma sucessão de passos, orientada por conhecimentos teóricos, buscando explicar a causa desses fenômenos, suas correlações e aspectos não-revelados; conjunto sistemático de regras e procedimentos que se respeitados em uma intervenção cognitiva, conduzem-na à verdade (GOLDENBERG, 2004, p. 200).

A autora aponta ainda que os métodos e metodologias da ciência são reunidos em duas grandes categorias: os quantitativos que dominam os modelos positivos para os quais o método experimental com suas ferramentas estatísticas seria o único capaz de desvendar com objetividade, neutralidade e rigor o mundo e os qualitativos que surgem a partir da recusa desse modelo positivista no estudo da vida social e das experiências humanas, sustentando-se na crença de que a relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado é uma relação social e política.

Desse modo, os métodos qualitativos acentuam as diversas formas por meio das quais se pode dar respostas adequadas a situações concretas que vão se delineando no processo de investigação ao produzir dados descritivos e interpretativos através da fala ou da escrita dos sujeitos que registram com suas próprias palavras o comportamento observado, isto é, trata-se de um sujeito possuidor de seu próprio ponto de vista, de suas interpretações que numa relação dialógica com o sujeito pesquisador vai desvelando saberes sobre o mundo.

Nesse contexto, a história de vida emerge como uma investigação qualitativa, ao buscar descobrir a relação dialética, a negociação cotidiana entre aspiração e possibilidade, entre utopia e realidade, entre passado e presente. Para tanto, busca seus dados na vida cotidiana, no sentido comum das explicações e reconstruções que os indivíduos efetuam para viver e sobreviver diariamente, uma vez que, para Ecléa Bosi, narrar a vida é uma forma de se reapropriar dela, refazendo os caminhos percorridos

para ir além. A história narrada “não é feita para ser arquivada ou guardada na gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde floresceu” (BOSI, 2003, p. 69). Trata-se, portanto, de ampliar a possibilidade de inventar novos modos de ser no mundo a partir do vivido e do encontro com o outro; de incorporar o vivido, o passado que se faz presente.

Ao mesmo tempo, as histórias de vida conformam uma perspectiva fenomenológica, pois concebe o comportamento humano, o que os sujeitos fazem e dizem, como produto da definição de seu mundo. Para alguns estudiosos, a perspectiva fenomenológica representa um enfoque medular que atravessa as tramas da metodologia qualitativa, uma vez que para desenvolvê-la é preciso entender o que se estuda, como se estuda e como se interpreta.

Este artigo, por sua vez, procura acerca-se das histórias de vida como metodologia de pesquisa, delimitando sua origem, trajetória e significados contemporâneos. Além disso, procura descrever os protagonistas do processo, contemplando as principais questões que o cerca e o guia que abarca os passos principais para aplicá-las. Por fim, aponta alguns aspectos éticos nesse tipo de investigação, suas vantagens e limites e como ela se relaciona com a pesquisa em educação profissional e tecnológica.

METODOLOGIA

Para discutimos o que são e como são as histórias de vida, avançamos rumo à compressão do para quê e como delinear esse tipo de investigação. Para Ruiz (2012), os objetivos das histórias de vida como método de pesquisa são captar a totalidade, isto é, reconhecer toda experiência biográfica do sujeito, da infância até o presente do momento concreto pesquisado; captar as ambiguidades e mudanças, visto que os sujeitos não são estáticos, mais experimentam mudanças ao longo da vida; captar a visão subjetiva com a qual o sujeito observa a si mesmo e o mundo, atribuindo-lhes significados; encontrar chaves interpretativas para os fenômenos sociais que somente podem ser explicados através da experiência pessoal de indivíduos concretos. Quanto ao delineamento de uma pesquisa que emprega a história de vida como método, Munõz (2002) propõe as seguintes etapas: Fase inicial - momento preliminar no qual se elabora um plano teórico de trabalho, explicitando as hipóteses iniciais, justificativa da escolha do método, a delimitação do universo de análise e a definição dos critérios de escolha dos informantes. Além de realizar uma revisão crítica da literatura científica pertinente ao tema a fim de

aprofundar a compreensão do objeto de estudo, bem como delimitar as formas de mediação e os processos concretos que serão analisados. Também, é nessa etapa que se realizam os primeiros contatos, negociações e contratos com os sujeitos pesquisados.

Fase das entrevistas - consiste na coleta dos relatos por meio das entrevistas. Para tanto, é preciso estabelecer o horário das sessões em consonância com a disponibilidade do participante com uma duração que permita recolher a informação e explicitar que se tomará nota durante as sessões. Essas notas deverão ser discutidas com o participante ao final da sessão. A gravação só poderá ser realizada se consentida pelo participante. Também, deve-se criar um ambiente seguro e de confiança para o informante, além de se evitar interrupções desnecessárias; estimular positivamente o desejo de falar, fazendo-o sentir a importância de seu testemunho para a pesquisa, contudo, evitar dirigir excessivamente a entrevista por meio de perguntas demasiadamente fechadas, que impõem a perspectiva do pesquisador e não a visão espontânea do narrador, transcrever textualmente cada relato e compartilhá-la com o informante, corroborando para que a informação obtida seja fiel e exata.

A análise e a interpretação devem estar em função, de um lado, do objeto de estudo; do outro, do tipo de resultado que se deseja obter. Os métodos de análise devem adaptar-se a eles e não o inverso. Contudo, Ruiz (2012) chama a atenção para alguns critérios que guiam a análise interpretativa: a) os marcos de referência ou padrões em que se vai enquadrado os dados devem ser flexíveis e mutáveis de modo a não se tornarem obstáculos para o desenvolvimento da pesquisa; b) a dinâmica da linguagem, visto que o significado das palavras é tão crucial quanto o modo de usá-las (afirmações, contradições, esclarecimentos, silêncios), cujo conteúdo dificilmente é apreendido sem uma cuidadosa atenção dada à dinamicidade da linguagem; c) a codificação da linguagem é de suma importância, pois ela contribui para uma análise do conteúdo da conversa; d) a interpretação e a captação de sentidos é o objetivo principal a ser alcançado e se realiza por meio do emprego de códigos e padrões desenvolvidos ao longo do processo; e) a interação entre os protagonistas, marcada pela empatia, permite o êxito nos passos anteriores e f) a construção da história de vida é o resultado de um complexo processo de coleta/ interpretação, extração/ codificação e ação/ interação.

Por sua vez, Munõz (2002) defende que as histórias de vida constituem um registro de fenômenos sociais que devem ser categorizados e classificados, isto é, reduzidos a categorias analíticas abstratas que permitem tanto descrever de forma ordenada quanto contrastar os fenômenos analisados com as hipóteses de partida da pesquisa. Para tanto, propõe um plano de análise de texto, sintetizando na figura 1.

Como já apontado anteriormente, uma das características mais importantes da história de vida é a relação entre o pesquisador/entrevistador e o sujeito pesquisado. Nesse aspecto, o papel do pesquisador é importante dentro das metodologias qualitativas, pois é ele quem analisa o discurso, comunica os pontos de vista detalhados dos informes e conduz os estudos em um cenário natural. Assim, o pesquisador que utiliza essa metodologia deve ter a capacidade de obter informações de forma simultânea e de diferentes níveis e características; uma visão holística que descarta a fragmentação e descontextualização do fenômeno estudado; um amplo conhecimento sobre o tema; a habilidade para apreender informações específicas, além de qualidades para explorar questões atípicas.

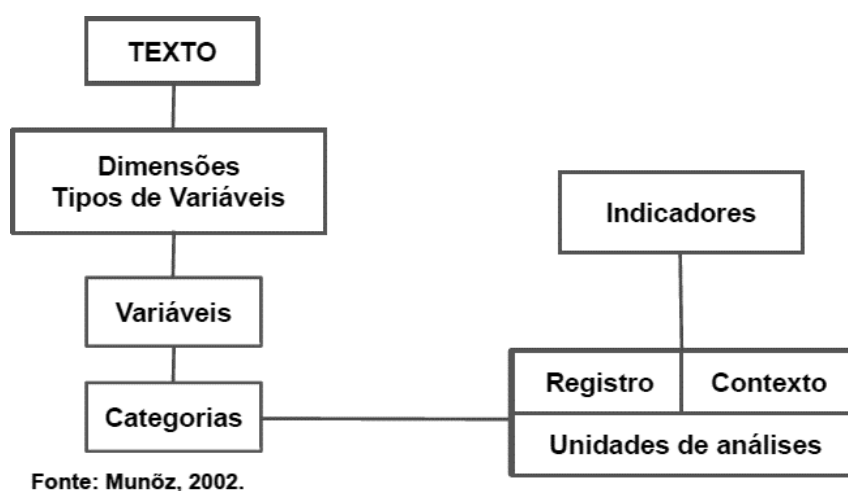


Figura 1. Processo de Análise de um texto Biográfico.

Neste estudo, apenas são realizadas explanações teóricas sobre o tema, pois objetivo do presente estudo é fazer um levantamento teórico sobre o tema em análise, com um olhar crítico e contributivo de alguns autores.

HISTÓRIAS DE VIDA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A história de vida como metodologia qualitativa busca capturar o processo de interpretação, vendo as coisas a partir da perspectiva dos sujeitos que estão continuamente se interpretando e se definindo em diferentes situações, conforme Taylor y Bogdan (1994). Assim, as metodologias qualitativas permitem trabalhar a realidade a partir de uma perspectiva humanista, já que finca suas raízes nos fundamentos da

fenomenologia, doexistencialismo e da hermenêutica, tratando de compreender o ser humano, tendo os sujeitos como seu principal marco de referência, apropriando-se das histórias de vida como metodologia de pesquisa, delimitando sua origem, trajetória e significados contemporâneos, procurando descrever os protagonistas do processo, contemplando as principais questões que as cercam, apontando alguns aspectos éticos, vantagens e limites e como ela se relaciona com a pesquisa em educação profissional e tecnológica, conforme assegura Paul Ricoeur (2011). Nessa perspectiva, conta-se de modos diferentes a experiência da vida, inscrevendo-a na narração por meio da qual a vida vai se estruturando, ao mesmo tempo em que se estreitam os laços entre linguagem e vida, narração e experiências. Por esta razão, Ruiz (2012) defende que as histórias de vida são ferramentas de historicidade que permitem ao sujeito trabalhar sua vida ao contá-la, jogar com o tempo da vida aomesmo tempo em que permitem sustentar o presente pela história incorporada, pela maneira como ela age sobre ele hoje, compreendendo em que a história é presente nele, o que lhe possibilita projetar um futuro situando-o em relação a esse passado. Assim, as histórias de vida possibilitam a abertura de novas interpretações e elaborações do vivido, materializadas na fala ou na escrita. Desse modo, as histórias de vida inserem-se no campo das metodologias qualitativas, cujo paradigma fenomenológico sustenta que a realidade é construída socialmente mediante definições tanto individuais quanto coletivas de uma determinada situação (TAYLOR y BOGDAN op cit.), isto é, interessa-se pela compreensão do fenômeno social a partir da visão do ator que já não se limita mais em ser apenas “objeto” de pesquisa. Por isso, os dados obtidos constituem-se de ricas descrições verbais sobre o tema estudado, além de considerar os significados afetivos que as coisas, situação e experiências apresentam para os sujeitos, cuja riqueza e complexidade constituem a essência do que se investiga.

É importante destacar que as metodologias qualitativas partem do pressuposto de que o mundo social é um mundo construído com significados e símbolos, o que implica a compreensão de seus processos de construção e de seus significados. Desse modo, elas emergem como ferramentas que permitem conhecer como nascem a estrutura básica da experiência, seus significados, sua materialização, seus mecanismos de manutenção ou ruptura por meio da linguagem e demais constructos simbólicos. Como consequência, recorrem às descrições em profundidade, reduzindo a análise a âmbitos limitados de experiência através da imersão nos contextos em que ocorrem.

Emolduradas por essa perspectiva das metodologias qualitativas, surgem as

abordagens biográficas que se caracterizam por um comprometimento com a história enquanto processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Contexto em que se inserem as histórias de vida, uma técnica que permite ao pesquisador compreender como os sujeitos criam e refletem o mundo social que os cercam. Elas oferecem um marco interpretativo por meio do qual o sentido da experiência humana se revela através de relatos pessoais, priorizando muito mais as experiências individuais das ações, do qual os métodos que filtram e ordenam as respostas em categorias conceituais pré-determinadas. Procura-se, então, que o sujeito pesquisado relate não só sua vida, mas também evidencie os significados, construídos por ele, a partir de seus próprios termos e subjetividades (RUIZ, 2012).

Embora o ato de narrar a vida, de esquadrihar suas vivências e experiências à procura das referências para seu agir sobre o mundo e com as pessoas sempre estivera presente na existência humana, é a partir do século XX que a história de vida vai se configurar como um método, graças às mudanças de paradigmas no interior das ciências humanas e sociais desenvolvidas nas décadas de 1920 e 1930 pelo que ficou conhecida como Escola de Chicago que reúne em si um movimento que compreende um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica desenvolvido por professores e estudantes da Universidade de Chicago. Segundo Goldenberg (2004), a pesquisa da escola de Chicago teve como marca o desejo de produzir conhecimentos úteis para a solução de problemas concretos enfrentados pela cidade de Chicago naquele período.

Fundadora da sociologia empírica americana, a escola de Chicago marcará importantes avanços metodológicos como a valorização do ponto de vista do sujeito, seu modo particular de vida, o uso de documentos pouco convencionais para a época como fontes importantes de dados (cartas, diários etc.) e o trabalho de campo como fundamentos da boa pesquisa sociológica. Há o esforço de privilegiar a dimensão cultural no contexto do pensamento e da pesquisa sociológica e econômica. Os pesquisadores de Chicago abrem espaço no pensamento e na prática da pesquisa para uma aproximação consistente com as comunidades, reconhecendo-as no contexto histórico em que estão imersas (COULON, 1995). A obra pioneira a utilizar o método das histórias de vida foi a dos sociólogos F. Znaniecki e W. I. Thomas, intitulada “The polish peasant in Europe and America” (1918) que relatava as vivências dos imigrantes camponeses poloneses ao se integrarem à cultura americana.

Ruiz (2012) aponta que a partir dos anos 1940, houve uma queda no uso desses

métodos em virtude da utilização de métodos clínicos e do desenvolvimento de métodos quantitativos. Somente nas décadas de 1970, há uma retomada dos estudos apoiadas nas narrativas de vida, suscitados pelos estudos culturais, pelos feminismos, dentre outros, validados por diferentes escolas do pensamento social e com uma variedade de objetos de estudos, consolidando-se até hoje como uma importante estratégia metodológica no campo das ciências humanas e sociais.

Em termos conceituais, é importante marcar que o uso polissêmico da expressão “histórias de vida” tem gerado certa confusão terminológica em virtude da pluralidade de vocábulos existentes em torno do método biográfico, graças a diferentes tradições acadêmicas. Daí a necessidade de se estabelecer uma breve distinção entre autobiografia, histórias de vida e relato de vida. Segundo Bertaux (2010), o relato de vida corresponde à narrativa de uma vida tal como contada pelo próprio sujeito, isto é, indica uma narrativa que resulta de uma entrevista na qual o pesquisador solicita ao entrevistado que narre toda ou parte de suas experiências de vida enquanto a história de vida compreende o trabalho do investigador sobre a história contada pelo sujeito, bem como a introdução de outros documentos complementares. Da mesma forma, sublinha o autor, a autobiografia consiste em um trabalho do sujeito feito a partir de uma narrativa escrita e autorreflexiva, priorizando um olhar sobre a globalidade da vida; já as histórias da vida são fundadas no diálogo entre o investigador e o sujeito, focalizando a experiência por meio do que Bertaux (2010) chama de filtro, isto é, o recorte da vida orientada em função do objeto de estudo em foco e dos movimentos da memória daquele que reconta sua vida. Junto a essa narrativa, o investigador utiliza um conjunto de documentos pessoais e informações que a complementam, ampliando, assim, as fontes.

No que se refere ao contexto da pesquisa, Bertaux (2010) destaca que as histórias de vida apresentam três funções: exploratória, quando o pesquisador não tem familiaridade com o tema e as narrativas constituem uma etapa inicial de recolha de dados; analítica, que envolva a recolha e a análise das entrevistas, bem como de outras fontes e expressiva, quando ocorre a publicação integral destacando sua dimensão comunicativa. Quanto à tipologia, Ruiz (2012) aponta para a existência de três tipos de histórias de vida: as completas que abarcam toda a extensão da vida ou da carreira profissional do sujeito pesquisado; as temáticas que apresentam a vida completa, porém delimitando-a a partir de um tema, assunto ou período de vida e as editadas que se caracterizam pela intercalação de comentários e explicações do sujeito pesquisador ao

longo dos relatos do sujeito pesquisado. Assim, como se pode observar, o método das histórias de vida funciona como uma possibilidade de acesso ao indivíduo e à realidade que o transforma e é por ele transformada por meio de sua própria maneira de negociar a realidade em que está inserido.

Quando se pensa o uso da metodologia da história de vida no campo das pesquisas em educação profissional e tecnológica, percebemos que ela se relaciona duplamente seja no que tange à construção da história e da memória no contexto da EPT; seja nos debates ligados à formação de professores. Como se pode observar, a história de vida constitui-se em uma viagem empreendida pelo próprio sujeito ao longo da qual vai se conhecendo como viajante, tomando consciência dos itinerários escolhidos, dos encontros e desencontros, das parcerias durante a viagem, das marcas deixadas pelo caminho, das aprendizagens e lacunas.

No que se refere à formação de professores em EPT, o olhar proporcionado pela metodologia da história de vida permite que o professor esteja focado em suas produções e sua subjetividade, fazendo com que relate suas lembranças, suas experiências através do que lhe é significativo, possibilitando que ocorra um processo de formação, ou melhor, de autoformação. Ao dar voz aos professores, essa metodologia valoriza suas subjetividades e reconhece o direito de falar por si mesmo, ao mesmo tempo em que permite refletir sobre sua trajetória, suas práticas e os desafios enfrentados como docente em EPT. Acessa-se, portanto, aos contextos sócio-históricos e culturais, aos comportamentos e às representações de uma coletividade que se manifesta na singularidade do sujeito pesquisado. Além disso, torna-se possível a reflexão sobre os saberes, experiências e outros saberes e conhecimentos necessários à docência em EPT.

Outro aspecto importante diz respeito às construções temporais voltadas para os estudos de memórias da Educação Profissional e Tecnológica. Nesse caso, a memória, concebida como um fazer constante, movente ganha a centralidade como ferramenta de compreensão do presente, geradora do futuro ao reinventar o passado. Como afirma Ecléa Bosi. “a memória não é sonho, é trabalho [...] lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar com ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 17). Lembrar não é reviver de novo, é construir, sempre de outro modo, o vivido que se torna novo. À memória não é um estado de coisas, uma bagagem, não é segura, confiável ou blindada. Ela é processo: deslocamento (BOSI, 1994). Diante disso, a memória em que navega as histórias de vida é um engenho que tenta abarcar a plasticidade da

existência, fazendo eco aos fluxos e ao imponderável da vida. O método da história de vida possui uma dupla dimensão: a descrição de fatos a partir da memória e a busca de sentidos. Os fatos fazem parte de uma experiência de vida singular inscrita em um universo de relações sociais. O sentido é o que gera assignificações que cada sujeito dá ao mundo circundante. Ele não está na própria história, mas é apreendido no momento em que o vivido é retomado pela memória, no movimento reflexivo desencadeado durante o processo de lembrar. Produz-se, portanto, novas elaborações sobre o vivido ao mesmo tempo em que o tempo- movimento de recolhimento da história de vida, na sua condição de atividade e experiência possibilita tanto a abertura de um intervalo temporal e afetivo entre o eu e o outro; quanto a condição para se construir uma memória e uma história da Educação Profissional e Tecnológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida, como um método de investigação, tem se consolidando como uma técnica metodológica importante nas pesquisas qualitativas que buscam apreender e compreender os fenômenos sociais por meios das múltiplas realidades que o indivíduo constrói através de suas narrativas.

É claro que, como toda técnica, as histórias de vida também apresentam vantagens e limitações sem que isso invalide sua eficácia como método de pesquisa. Entre as suas potencialidades podemos citar seu caráter retrospectivo, longitudinal e subjetivo, centrado na experiência social; seu conhecimento aprofundado do contexto em que se produz a narrativa; a exigência de uma triangulação metodológica; maior robustez e qualidade dos dados; o conhecimento integral do sujeito ao englobar as mais diferentes facetas de sua vida e na capacidade em compensar o objetivismo dos estudos quantitativos com elementos reflexivos e ocultos do comportamento e da experiência social.

No que tange às limitações, destacam-se os problemas com o controle vinculado à autenticidade e à veracidade do discurso; os problemas de validade interna e externa associada a qualquer técnica qualitativa; o risco constante de alterações dos acontecimentos por parte do sujeito pesquisado; a exigência de muito mais tempo para a análise das informações e problemas de representatividade: poucos casos.

Por fim, as histórias de vida permitem compreender as experiências ao longo da trajetória do sujeito, as aprendizagens construídas, os processos de conhecimento de si e

os significados que atribui aos fenômenos que tecem sua vida. É uma metodologia que permite formação aos atores sociais que participam da pesquisa, pois a partir de suas vozes, relatando sobre acontecimentos de sua vida, ele próprio reconstrói sua trajetória, reflete sobre ela, toma consciência de si, possibilitando ainda que por meio de sua singularidade possamos acessar a fenômenos históricos e sociais. Para além da pesquisa, é um encontro com a experiência.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus, 2010. 168p.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488p.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê. 2022. 224 p.

BRAGANÇA, Inês F. de Souza. *História de Vida nas Ciências Humanas e Sociais: Caminhos, Definições e Interfaces*. In BRAGANÇA, Inês F. de Souza. *História de Vida e Formação de Professores: Diálogo entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. p. 37- 57.

COULON, Alan. *A escola de Chicago*. Campinas: Papyrus, 1995. 136p.

GOLDENBERG, Miriam. *A arte da pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004. 112p.

MUNÓZ, Juan José P. *El Método Biográfico: El uso de Las historias de vida em ciencias sociales. Cuadernos Metodológicos*. Nº 05. Madrid: Centro de Investigaciones Sociales, 2002. 200p.

RUIZ OLABUENAGA, José I. *Histórias de Vida*. In Ruiz Olabuenga, J. I. *Metodologia de la Investigación Cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2012. p. 267 - 313.